

O CALOR DAS COISAS

NÉLIDA PIÑON

ORG. PROF. MANOEL

Vem de longe a formação literária de Nélide Piñon. Já nos idos de 1979, há mais de 20 anos, ao ser entrevistada pela Revista Brasileira de Língua e Literatura, por nós dirigida, dizia aos seus entrevistadores ser muito difícil detectar as suas próprias origens, decifrar o seu próprio enigma. Isso porque, tocando nesse enigma, ela põe o dedo no mistério da criação e descobre a existência da palavra perdida ou escondida. E logo acrescenta que a sua vocação desabrochou quando descobriu a existência (e a importância!) dessa palavra recôndita. A linguagem oficial, diretamente colhida no registro do dicionário, obriga-nos a pensar dentro do Código. Assim, num dos seus primeiros contos, ao definir uma ladeira, ela escreveu a palavra íngreme. "Foi um choque muito grande", observa. Resolveu, então, que pagaria qualquer preço, mas não poderia jamais apostar num texto em que tivesse de escrever ladeira íngreme. Desde cedo, pressentiu que a língua convencionalmente centrada no lugar comum do Código deveria ser abolida do seu processo criador, dando lugar à linguagem. Como se vê, o texto criativo de Nélide Piñon levanta, antes de tudo, uma questão conflitual entre língua e linguagem. Desde o início, em sua inquietação de jovem escritora, ela revelava perfeita consciência dos limites da língua centrada no Código (igual a lugar onde se fixa uma cultura, segundo Michel Foucault) e da infinitude potencial da linguagem. Sabia que o texto que remete ao Código não passa de um texto reduplicador de sentidos; e que a linguagem literária, só pelo processo de rupturas, poderia instaurar sentidos novos, dando-se isso pela revelação da palavra perdida ou escondida. Assim, avançando pelas fissuras da linguagem, ela própria começava a desvendar um mundo invisível, mas ansioso por ter visibilidade, pois toda estrutura significante esconde um significado que vai além do sentido meramente lingüístico. Em outras palavras, um texto literário sempre esconde uma cena latente por detrás do significado linear da cena manifesta. No seu processo de criação, desde cedo percebeu que a cena latente devia valer mais que a cena simplesmente manifesta. A busca, por vezes desesperada, da palavra escondida, exatamente a que vai instaurar sentidos novos, é que pode explicar o salto da estática da língua para a dinâmica do discurso.

Narradora e intelectual ativa, Nélide Piñon, defensora da arte de contar, pensou que Sherazade era a criatura mais emblemática neste assunto e que o Oriente Médio era o enclave perfeito para soltar a imaginação humana. "Eles têm um único Deus. É um lugar no qual se

reúnem três religiões monoteístas que abraçam um Deus invisível, e isso também é pura imaginação, porque é algo não tangível, não palpável; é tão sutil que seus efeitos provocam versões distintas", assinalou a escritora de "A república dos sonhos". Sedução, sonhos, imaginação, erotismo, beleza e mestiçagem percorrem as páginas deste livro, em que as mulheres têm claro protagonismo. "Como escritora tenho o grande prazer de observar e, embora acredite que também faço personagens masculinos completos, aqui favoreço as mulheres. Quero ser uma escritora protéica e assimilar muitas formas humanas e poder me tornar criança, homem, vegetal ou animal. Ser polissêmica e camaleônica". E para conseguir este propósito, Nélida Piñon, cuja obra foi traduzida para vários idiomas, assegurou que seu projeto de vida tem que ser "a carnalidade humana". "Se Flaubert teve a pretensão deslumbrante de dizer que Madame Bovary era ele, eu também posso ser tudo. Para mim, a melhor maneira de dirigir um projeto de criação é sendo capaz de se colocar nas veias alheias", disse a escritora.

RESUMO DOS CONTOS

O JARDIM DAS OLIVEIRAS

Zé é o narrador, ele vai ser levado de seu apartamento à força, vai ser interrogado sobre o paradeiro de um tal Antônio. Zé e seus algozes conhecem Antônio como membro de um grupo perseguido pelo regime militar. Zé não suporta a idéia de ser torturado novamente, pois já tivera esta experiência anteriormente. Sente fraco e incapaz de resistir à força dos poderosos que se abate sobre ele. Ele acredita que não vai resistir e acabará entregando o amigo a seus perseguidores.

AS QUATRO PENAS BRANCAS

Os amigos Pedro e Rubem estão conversando, eles precisam ir a Niterói para buscar dinheiro emprestado com o pai de Rubem, pois ele deve a pensão dos quatro filhos, que moram com a mãe Alice. Conseguem o dinheiro e, no caminho de volta, a bordo da barca, conhecem Colombo, o vendedor de amendoim.

Colombo conta-lhes sua estranha e obsessiva amizade por Bulhões. O tempo que moraram juntos e sua vida na fazenda comprada por Colombo no tempo em que era rico. Após a separação dos amigos, Colombo vai à falência e passa a viver da venda de amendoins na barca rio-niterói.

Enfim, após muita conversa, os quatro decidem ir beber umas cervejas. Num bar escuro, os três conversam quando, de repente chega Bulhões. Os quatro, então gastam todo o dinheiro da pensão dos filhos de Rubem.

I LOVE MY HUSBAND

Num texto belíssimo, com brilhantes metáforas e uma refinada ironia, a narradora declara seu amor a seu marido. Mas ocorre que esse marido é um homem egoísta, machista e não considera nada do que essa esposa diz ou pensa. Ela acredita que, afinal, ele está certo em querer ser o chefe do lar, decidir por tudo do jeito dele. Ela faz crer que é feliz e assim é que as coisas devem ser. Leia abaixo o conto na íntegra:

Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes, antes que o café esfrie. Ele grunhe com raiva e eu vocifero com aflição. Não quero meu esforço confundido com um líquido frio que ele tragará como me traga duas vezes por semana, especialmente no sábado.

Depois, arrumo-lhe o nó da gravata e ele protesta por consertar-lhe unicamente a parte menor de sua vida. Rio para que ele saia mais tranqüilo, capaz de enfrentar a vida lá fora e trazer de volta para a sala de visita um pão sempre quentinho e farto.

Ele diz que sou exigente, fico em casa lavando a louça, fazendo compras, e por cima reclamo da vida. Enquanto ele constrói o seu mundo com pequenos tijolos, e ainda que alguns destes muros venham ao chão, os amigos o cumprimentam pelo esforço de criar olarias de barro, todas sólidas e visíveis.

A mim também me saúdam por alimentar um homem que sonha com casas-grandes, senzalas e mocambos, e assim faz o país progredir. E é por isto que sou a sombra do homem que todos dizem eu amar. Deixo que o sol entre pela casa, para dourar os objetos comprados com esforço comum. Embora ele não me cumprimente pelos objetos fluorescentes. Ao contrário, através da certeza do meu amor, proclama que não faço outra coisa senão consumir o dinheiro que ele arrecada no verão. Eu peço então que compreenda minha nostalgia por uma terra antigamente trabalhada pela mulher, ele franze o rosto como se eu

lhe estivesse propondo uma teoria que envergonha a família e a escritura definitiva do nosso apartamento.

O que mais quer, mulher, não lhe basta termos casado em comunhão de bens? E dizendo que eu era parte do seu futuro, que só ele porém tinha o direito de construir, percebi que a generosidade do homem habilitava-me a ser apenas dona de um passado com regras ditadas no convívio comum.

Comecei a ambicionar que maravilha não seria viver apenas no passado, antes que este tempo pretérito nos tenha sido ditado pelo homem que dizemos amar. Ele aplaudiu o meu projeto. Dentro de casa, no forno que era o lar, seria fácil alimentar o passado com ervas e mingau de aveia, para que ele, tranqüilo, gerisse o futuro. Decididamente, não podia ele preocupar-se com a matriz do meu ventre, que devia pertencer-lhe de modo a não precisar cheirar o meu sexo para descobrir quem mais, além dele, ali estivera, batera-lhe à porta, arranhara suas paredes com inscrições e datas.

Filho meu tem que ser só meu, confessou aos amigos no sábado do mês que recebíamos. E mulher tem que ser só minha e nem mesmo dela. A idéia de que eu não podia pertencer-me, tocar no meu sexo para expurgar-lhe os excessos, provocou-me o primeiro sobressalto na fantasia do passado em que até então estivera imersa. Então o homem, além de me haver naufragado no passado, quando se sentia livre para viver a vida a que ele apenas tinha acesso, precisava também atar minhas mãos, para minhas mãos não sentirem a doçura da própria pele, pois talvez esta doçura me ditasse em voz baixa que havia outras peles igualmente doces e privadas, cobertas de pêlo felpudo, e com a ajuda da língua podia lambe-se o seu sal?

Olhei meus dedos revoltada com as unhas longas pintadas de roxo. Unhas de tigre que reforçavam a minha identidade, grunhiam quanto à verdade do meu sexo. Alisei meu corpo, pensei, acaso sou mulher unicamente pelas garras longas e por revesti-las de ouro, prata, o ímpeto do sangue de um animal abatido no bosque? Ou porque o homem adorna-me de modo a que quando tire estas tintas de guerreira do rosto surpreende-se com uma face que lhe é estranha, que ele cobriu de mistério para não me ter inteira?

De repente, o espelho pareceu-me o símbolo de uma derrota que o homem trazia para casa e tornava-me bonita. Não é verdade que te amo, marido? perguntei-lhe enquanto lia os jornais, para instruir-se, e eu varria as letras de imprensa cuspidas no chão logo após ele assimilar a notícia. Pediu, deixe-me progredir, mulher. Como quer que eu fale de amor quando se discutem as alternativas econômicas de um país em que os homens para sustentarem as mulheres precisam desdobrar um trabalho de escravo.

Eu lhe disse então, se não quer discutir o amor, que afinal bem pode estar longe daqui, ou atrás dos móveis para onde às vezes escondo a poeira depois de varrer a casa, que tal se após

tantos anos eu mencionasse o futuro como se fosse uma sobremesa?

Ele deixou o jornal de lado, insistiu que eu repetisse. Falei na palavra futuro com cautela, não queria feri-lo, mas já não mais desistia de uma aventura africana recém-iniciada naquele momento. Seguida por um cortejo untado de suor e ansiedade, eu abatia os javalis, mergulhava meus caninos nas suas jugulares aquecidas, enquanto Clark Gable, atraído pelo meu cheiro e do animal em convulsão, ia pedindo de joelhos o meu amor. Sôfrega pelo esforço, eu sorvia água do rio, quem sabe em busca da febre que estava em minhas entranhas e eu não sabia como despertar. A pele ardente, o delírio, e as palavras que manchavam os meus lábios pela primeira vez, eu ruborizada de prazer e pudor, enquanto o pajé salvava-me a vida com seu ritual e seus pêlos fartos no peito. Com a saúde nos dedos, da minha boca parecia sair o sopro da vida e eu deixava então o Clark Gable amarrado numa árvore, lentamente comido pelas formigas. Imitando a Nayoka, eu descia o rio que quase me assaltara as forças, evitando as quedas d'água, aos gritos proclamando liberdade, a mais antiga e miríade das heranças.

O marido, com a palavra futuro a boiar-lhe nos olhos e o jornal caído no chão, pedia-me, o que significa este repúdio a um ninho de amor, segurança, tranqüilidade, enfim a nossa maravilhosa paz conjugal? E acha você, marido, que a paz conjugal se deixa amarrar com os fios tecidos pelo anzol, só porque mencionei esta palavra que te entristece, tanto que você começa a chorar discreto, porque o teu orgulho não lhe permite o pranto convulso, este sim, reservado à minha condição de mulher? Ah, marido, se tal palavra tem a descarga de te cegar, sacrifique-me outra vez para não vê-lo sofrer. Será que apagando o futuro agora ainda há tempo de salvar-te?

Suas crateras brilhantes sorveram depressa as lágrimas, tragou a fumaça do cigarro com volúpia e retomou a leitura. Dificilmente se encontraria homem como ele no nosso edifício de dezoito andares e três portarias. Nas reuniões de condomínio, a que estive presente, era ele o único a superar os obstáculos e perdoar aos que o haviam magoado. Recriminei meu egoísmo, ter assim perturbado a noite de quem merecia recuperar-se para a jornada seguinte.

Para esconder minha vergonha, trouxe-lhe café fresco e bolo de chocolate. Ele aceitou que eu me redimisse. Falou-me das despesas mensais. Do balanço da firma ligeiramente descompensado, havia que cuidar dos gastos. Se contasse com a minha colaboração, dispensaria o sócio em menos de um ano. Senti-me feliz em participar de um ato que nos faria progredir em doze meses. Sem o meu empenho, jamais ele teria sonhado tão alto. Encarregava-me eu à distância da sua capacidade de sonhar. Cada sonho do meu marido era mantido por mim. E, por tal direito, eu pagava a vida com cheque que não se poderia contabilizar.

Ele não precisava agradecer. De tal modo atingira a perfeição dos sentimentos, que lhe bastava continuar em minha companhia para querer significar que me amava, eu era o mais

delicado fruto da terra, uma árvore no centro do terreno de nossa sala, ele subia na árvore, ganhava-lhe os frutos, acariciava a casca, podando seus excessos.

Durante uma semana bati-lhe à porta do banheiro com apenas um toque matutino. Disposta a fazer-lhe novo café, se o primeiro esfriasse, se esquecido ficasse a olhar-se no espelho com a mesma vaidade que me foi instilada desde a infância, logo que se confirmou no nascimento tratar-se de mais uma mulher. Ser mulher é perder-se no tempo, foi a regra de minha mãe. Queria dizer, quem mais vence o tempo que a condição feminina? O pai a aplaudia completando, o tempo não é o envelhecimento da mulher, mas sim o seu mistério jamais revelado ao mundo.

Já viu, filha, que coisa mais bonita, uma vida nunca revelada, que ninguém colheu senão o marido, o pai dos seus filhos? Os ensinamentos paternos sempre foram graves, ele dava brilho de prata à palavra envelhecimento. Vinha-me a certeza de que ao não se cumprir a história da mulher, não lhe sendo permitida a sua própria biografia, era-lhe assegurada em troca a juventude.

Só envelhece quem vive, disse o pai no dia do meu casamento. E porque viverás a vida do teu marido, nós te garantimos, através deste ato, que serás jovem para sempre. Eu não sabia como contornar o júbilo que me envolvia com o peso de um escudo, e ir ao seu coração, surpreender-lhe a limpidez. Ou agradecer-lhe um estado que eu não ambicionara antes, por distração talvez. E todo este troféu logo na noite em que ia converter-me em mulher. Pois até então sussurravam-me que eu era uma bela expectativa. Diferente do irmão que já na pia batismal cravaram-lhe o glorioso estigma de homem, antes de ter dormido com mulher. Sempre me disseram que a alma da mulher surgia unicamente no leito, ungido seu sexo pelo homem. Antes dele a mãe insinuou que o nosso sexo mais parecia uma ostra nutrida de água salgada, e por isso vago e escorregadio, longe da realidade cativa da terra. A mãe gostava de poesia, suas imagens sempre frescas e quentes.

Meu coração ardia na noite do casamento. Eu ansiava pelo corpo novo que me haviam prometido, abandonar a casca que me revestira no cotidiano acomodado. As mãos do marido me modelariam até os meus últimos dias e como agradecer-lhe tal generosidade? Por isso talvez sejamos tão felizes como podem ser duas criaturas em que uma delas é a única a transportar para o lar alimento, esperança, a fé, a história de uma família.

Ele é único a trazer-me a vida, ainda que às vezes eu a viva com uma semana de atraso. O que não faz diferença. Levo até vantagens, porque ele sempre a trouxe traduzida. Não preciso interpretar os fatos, incorrer em erros, apelar para as palavras inquietantes que terminam por amordaçar a liberdade. As palavras do homem são aquelas de que deverei precisar ao longo da vida. Não tenho que assimilar um vocabulário incompatível com o meu destino, capaz de arruinar meu casamento.

Assim fui aprendendo que a minha consciência que está a serviço da minha felicidade ao mesmo tempo está a serviço do meu marido. É seu encargo podar meus excessos, a natureza dotou-me com o desejo de naufragar às vezes, ir ao fundo do mar em busca das esponjas. E para que me servissem elas senão para absorver meus sonhos, multiplicá-los no silêncio borbulhante dos seus labirintos cheios de água do mar? Quero um sonho que se alcance com a luva forte e que se transforme algumas vezes numa torta de chocolate, para ele comer com os olhos brilhantes, e sorriremos juntos.

Ah, quando me sinto guerreira, prestes a tomar das armas e ganhar um rosto que não é o meu, mergulho numa exaltação dourada, caminho pelas ruas sem endereço, como se a partir de mim, e através do meu esforço, eu devesse conquistar outra pátria, nova língua, um corpo que sugasse a vida sem medo e pudor. E tudo me treme dentro, olho os que passam com um apetite de que não me envergonharei mais tarde. Felizmente, é uma sensação fugaz, logo busco o socorro das calçadas familiares, nelas a minha vida está estampada. As vitrines, os objetos, os seres amigos, tudo enfim orgulho da minha casa.

Estes meus atos de pássaro são bem indignos, feririam a honra do meu marido. Contrita, peço-lhe desculpas em pensamento, prometo-lhe esquivar-me de tais tentações. Ele parece perdoar-me à distância, aplaude minha submissão ao cotidiano feliz, que nos obriga a prosperar a cada ano. Confesso que esta ânsia me envergonha, não sei como abrandá-la. Não a menciono senão para mim mesma. Nem os votos conjugais impedem que em escassos minutos eu naufrague no sonho. Estes votos que ruborizam o corpo mas não marcaram minha vida de modo a que eu possa indicar as rugas que me vieram através do seu arrebatamento. Nunca mencionei ao marido estes galopes perigosos e breves. Ele não suportaria o peso dessa confissão. Ou que lhe dissesse que nessas tardes penso em trabalhar fora, pagar as miudezas com meu próprio dinheiro. Claro que estes desatinos me colhem justamente pelo tempo que me sobra. Sou uma princesa da casa, ele me disse algumas vezes e com razão. Nada pois deve afastar-me da felicidade em que estou para sempre mergulhada.

Não posso reclamar. Todos os dias o marido contraria a versão do espelho. Olho-me ali e ele exige que eu me enxergue errado. Não sou em verdade as sombras, as rugas com que me vejo. Como o pai, também ele responde pela minha eterna juventude. É gentil de sentimentos. Jamais comemorou ruidosamente meu aniversário, para eu esquecer de contabilizar os anos. Ele pensa que não percebo. Mas, a verdade é que no fim do dia já não sei quantos anos tenho.

E também evita falar do meu corpo, que se alargou com os anos, já não visto os modelos de antes. Tenho os vestidos guardados no armário, para serem discretamente apreciados. Às sete da noite, todos os dias, ele abre a porta sabendo que do outro lado estou à sua espera. E quando a televisão exhibe uns corpos em floração, mergulha a cara no jornal, no mundo só nós existimos.

Sou grata pelo esforço que faz em amar-me. Empenho-me em agradá-lo, ainda que sem vontade às vezes, ou me perturbe algum rosto estranho, que não é o dele, de um desconhecido sim, cuja imagem nunca mais quero rever. Sinto então a boca seca, seca por um cotidiano que confirma o gosto do pão comido às vésperas, e que me alimentará amanhã também. Um pão que ele e eu comemos há tantos anos sem reclamar, unidos pelo amor, atados pela cerimônia de um casamento que nos declarou marido e mulher. Ah, sim, eu amo meu marido.

O ILUSTRE MENEZES

O narrador, Menezes, é casado com Conceição, uma mulher educada num rigoroso sistema moralista. Proíbe-se ter prazer ou conversar sobre sua intimidade. Menezes conta que tem o hábito de dormir fora de casa nas Quintas-feiras, pois vai ver sua amante Pastora.

Apesar da impertinência da sogra, D. Inácia, ele dobra a mulher com as desculpas mais esfarrapadas, como por exemplo ir ao teatro sozinho com medo que a esposa se aborreça com as peças. Ele arruma uma segunda amante, Delfina, que acaba por abandoná-lo.

No conto, predomina a atmosfera de século XIX, com uma linguagem no estilo Machado de Assis. Aliás, o final da história faz referência ao célebre conto *Missa do Galo*, do referido autor.

FINISTERRE

A narradora em 1ª pessoa, visita o padrinho de 60 anos, que mora em uma ilha. Ambos são galegos, raça forte e emotiva. O almoço e o passeio são cheios de imagens de carinho e ternura do padrinho. Enfim a narradora se despede como quem nunca mais vai voltar a ver as pessoas queridas que deixa na ilha.

TARZAN E BEIJINHO

O narrador fala de seus amigos, Tarzan(americano) e Beijinho(brasileira). Eles se adoram mas o narrador acha melhor afastar-se deles, deixá-los a sós para curtirem-se mais à vontade. Depois de um tempo, o narrador recebe bilhetes dos amigos, decide procurá-los e é recebido friamente. Assim percebe que a amizade tem muito valor.

O REVÓLVER DA PAIXÃO

A narradora faz uma declaração de amor a seu homem e exige seu retorno imediato. Seu discurso é sensual e apaixonado.

CORAÇÃO DE OURO

Um narrador em 3º p. relata que Agenor Couto (AC), enriquecera, tornara-se vaidoso e fora fisgado por sua secretária loura e sensualíssima. Ela assume o controle de sua agenda, definindo o que ele vai fazer ou não fazer. OBS: AC acha que as avenidas principais deveriam ser de uso exclusivo dos ricos, mais ocupados, e não para pobres, pois eles poderiam usar vias secundárias.

O SORVETE É UM PALÁCIO

A narradora revela uma visita que recebeu de um sorveteiro da praia, por quem ela se apaixonou. Ele é casado e tem 3 filhos; é pobre mas sonhador, diz que vai deixar a esposa e a narradora entende isso como uma declaração de amor. Ele vai embora e ela espera que ele volte algum dia.

DISSE UM CAMPÔNIO À SUA ESPOSA

Um narrador em 1º p. , um camponês, declara-se para sua esposa de forma apaixonada. Numa atmosfera bucólica e harmônica ele revela todo seu amor pela mulher com quem caou-se.

A SEREIA ULISSES

Uma narradora fala de um companheiro, Antônio, de quem livrou-se ao pôr fogo no apartamento. Ela é uma mulher dona de si e senhora de seu próprio destino.

O CALOR DAS COISAS

(conto na íntegra)

A SOMBRA DA CAÇA

A narradora dirige-se a seu filho em uma carta. Ela lhe fala da tumultuada relação que tivera com o marido. O quanto ela lutou para livrar-se dele e do amor incondicional que ele lhe oferecia. Ao expulsá-lo de casa, ela perdeu a chance de ser feliz. O pai foi embora para nunca mais voltar. No fim do conto, o filho envia à mãe um bilhete dizendo-lhe que o pai nunca deixara de amá-la.